



A Trágico-Comédia dos Princípios: Cartazes, Lei e a Democracia de Verniz

Publicado em 2025-12-22 15:33:36



BOX DE FACTOS

- Um cartaz grita moral; um tribunal responde com prazo e multa.
- Uma frase apontada a um grupo inteiro transforma-se em espelho para o autor.
- A democracia aparece de fato domingueiro: muito princípio, pouca prática.



A Trágico-Comédia dos Princípios (e o Verniz que Escorre)

*“Todos deveriam ser obrigados a cumprir a lei!” — sim.
Só que, por cá, a lei é muitas vezes tratada como
guarda-chuva: abre-se para os outros, fecha-se para si.*

A Lei como Cartaz: uma ideia muito portuguesa

Há países onde a lei é uma coluna. Em Portugal, a lei é frequentemente um adereço: fica bem na fotografia, dá ar de seriedade, e permite o exercício nacional preferido — **apontar**. Aponta-se com o dedo, com o comentário, com o sorriso de lado, e agora também com cartazes, em tamanho de outdoor, como se a moral precisasse de andaimes.

O problema do cartaz é que ele tem uma alma simples: não argumenta, não prova, não distingue — **declara**. E quando declara sobre “um grupo inteiro”, não está a chamar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Então a Justiça entra, não como heroína de capa ao vento, mas como funcionária cansada que chega ao balcão e diz: “Isto assim não pode ser.” E ordena: retirem os cartazes. Em 24 horas. Com multa à porta, caso haja teimosia. A democracia, por um instante, tenta lembrar-se de si mesma.

E aqui surge a melhor parte — a parte em que a comédia se senta ao colo da tragédia: quem queria dar lições públicas sobre “cumprir a lei” acaba por receber uma lição privada sobre... **cumprir a lei**. É a poesia involuntária da política: escreve-se propaganda e recebe-se jurisprudência.

Princípios muito afibafos, prática muito descalça

E no entanto, nós sabemos — nós sabemos com aquele saber antigo, de café e de vida, que é meia filosofia e meia defesa pessoal: em matéria de justiça, por cá, “**uns são mais iguais que os outros**”. Uns têm prazos; outros têm desculpas. Uns têm multas; outros têm “processos a decorrer” até ao fim dos tempos. Uns têm lei; outros têm **lei com rodinhas**.

A democracia de verniz gosta muito de princípios: ficam bem nos discursos, soam nobres na televisão, e dão excelente

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O meu cartaz ideal (que incomoda toda a gente)

Se fosse para espalhar cartazes — já que andamos nisto — eu proporia um texto mais curto e mais honesto, desses que não deixam tribo confortável:

“Todos deveriam ser obrigados a cumprir a lei.”

Repare-se na crueldade desta frase: não escolhe alvos. Não oferece palco ao ressentimento. Não dá a ninguém a alegria barata de se sentir superior. É por isso que assusta. Porque, dito assim, sem destinatário escolhido a dedo, a frase deixa de ser arma — e passa a ser espelho.

Epílogo: quando o espelho aparece, o verniz treme

O cartaz apontava para “eles”. A decisão apontou para “tu”. E o país, esse velho actor de comédia amarga, continua a representar: princípios impecáveis no papel, práticas cheias de atalhos na rua.

Ainda assim, por um segundo, a democracia fez aquilo que raramente faz: olhou-se ao espelho. Não para se

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Co-autoria: Augustus Veritas — Fragmentos do Caos In "A
Cronicas dos bons malandros da República".

[leia]



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)



[Ebooks](#)



[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)